

“A Unidade nos caminhos da história de Salvação”

5.ª Conferência da Quaresma do Santuário Coração de Maria nos Carvalhos, em Pedroso, Vila Nova de Gaia

Orador: D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz Emérito da diocese de Braga

No dia 26 de março realizou-se no Santuário Coração de Maria a 5.ª Conferência da Quaresma, tendo como orador D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz Emérito da diocese de Braga, que apresentou uma comunicação (ou “partilha”, como o próprio referiu) sobre “A Unidade nos caminhos da história de Salvação”. A apresentação do palestrante esteve a cargo de José Manuel Cruz e o evento abriu com uma canção interpretada pela Fernanda, o Paulo e o David.

D. Jorge Ortiga começou por referir a urgência da unidade entre as pessoas, especialmente nos tempos conturbados que vivemos, marcados pela guerra, desigualdade e isolamento. Explicou que toda a pessoa, e em especial o cristão, tem a obrigação de ser construtor de unidade, pois só assim haverá paz, igualdade e respeito pela dignidade da pessoa humana.

O fio condutor que o orador imprimiu à sua comunicação foi uma passagem por vários cenários da Sagrada Escritura que demonstram como Deus conduz a humanidade para a unidade, ou seja, que expressam a unidade na história da Salvação. Antes de entrar nos cenários, explicou que a Bíblia tem dificuldade em dar um nome a Deus, um Deus que é ternura, que ama com amor materno, meigo, fiel, amigo, um Deus que Jesus trata por paizinho (“Abba”). Indicou que tal se revela em vários cenários descritos na Escritura.

No primeiro cenário, D. Jorge Ortiga apresentou o relato da criação do ser humano, dando especial destaque ao texto do Génesis: “Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1, 27). Explicou que daqui se infere que homem e mulher juntos, um ser humano masculino e feminino, são imagem de Deus; Deus os criou para serem felizes juntos no jardim do Éden. Mas depois veio a desobediência...

D. Jorge Ortiga passou, então, a referir-se ao segundo cenário, em que após a desobediência do ser humano Deus, toma a iniciativa de fazer um projeto para levar o homem novamente ao “jardim” que tinha sido destruído, destacando-se a palavra “Aliança” neste caminho restaurador da unidade. Salientou que nesse projeto se inscreve a aliança com Noé, mais tarde no monte Sinai e no Egito com Moisés. “Vós sereis o meu povo e Eu serei o vosso Deus” (cfr. Êxodo 6, 7; Levítico 26, 12; Jeremias 30, 22). Esta afirmação é a substância da Aliança, uma nova unidade para que a humanidade volte à felicidade. Mas mais uma vez a desobediência vingou...

O orador destacou que nem por isso o projeto de Deus descontinuou e começou-se a falar de uma “Nova Aliança”, de alguém que viria reconstruir a unidade. Explicou que, todavia, surgiram dois modelos de Aliança nas Escrituras. De um lado, a cidade de Babel, que é a cidade da uniformidade, em que Deus é dispensado e os homens por si mesmos (“construindo uma torre até ao céu”) pensaram que iriam entender-se, viver em paz e ser felizes, numa sociedade marcada por hierarquias de poder. Mas a humanidade é feita de pluralidade e a uniformidade é uma tirania que não pode ser suportada, tendo como resultado a divisão e a dispersão. Do outro lado, a cidade de Jerusalém, que é a cidade da unidade, em que é Deus que desce à Terra, um Deus-Amor que vem instaurar a unidade. É Jesus, o Filho de Deus, quem vem realizar a Nova Aliança.

Chegado aqui, D. Jorge Ortiga introduz os ouvintes no terceiro cenário bíblico. Para tal, indica que há dois momentos na vida de Jesus: um em que Ele “fala” e que termina mesmo antes da Última Ceia com a “oração sacerdotal” - que também é perspectivada como o “testemunho” de Jesus para os seus seguidores -; e outro momento em que Ele “faz”, traduzido no Calvário, em que morre pela humanidade. Quando Jesus “fala”, pede “para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste.” (João 17, 21) Isto é feito antes de Jesus dar a vida pela humanidade, ou seja, antes de Jesus fazer a unidade através da Sua morte.

Daí que, para o palestrante, a Igreja tem de ser um sinal de unidade, pois é esse o “mandato” que tem de Jesus. O Calvário de Jesus é um “programa” de realização da unidade: Jesus entrega a vida para que os seus discípulos sejam capazes de ser construtores da unidade.

D. Jorge Ortiga indicou que às vezes pensamos que é impossível “ser um só coração e uma só alma” (Atos 4, 32), pois a Igreja tem tido variados momentos de falta de unidade, mas tal não é uma utopia para os cristãos, pois foi concretizado na Igreja primitiva de Jerusalém. A este propósito, passou para o quarto cenário, a Igreja Primitiva que é descrita nas primeiras páginas do Livro dos Atos dos Apóstolos, em que os primeiros discípulos viviam unidos, sem desigualdades, em grande harmonia e alegria, apesar de personalidades diferentes, de diferenças de pontos de vista sobre vários aspetos. Para o orador os discípulos não ficaram no Calvário, mas passaram à Ressurreição porque viam Cristo vivo em cada pessoa. O Arcebispo Emérito, D. Jorge Ortiga, acredita, por isso, que pelo dom do Espírito Santo recebido no Batismo é possível construir a unidade, apesar da tendência das pessoas para a divisão. No seu entender, não fomos feitos para a uniformidade, mas para a pluralidade, somos todos diferentes (e ainda bem), mas por ação do Espírito Santo somos capazes da unidade, de falar todos a mesma língua (ao contrário de Babel): a língua do Amor que leva à unidade. Lembrou que o Papa Francisco pede para nos escutarmos uns aos outros e construirmos a unidade, o que é urgente no mundo de hoje: um mundo de gente descartável, cheio de desigualdades, de miséria, de conflitos. Os cristãos em especial são chamados a trabalhar na unidade: “assim como Eu vos amei” (João, 13,34).

De seguida D. Jorge Ortiga colocou a questão: “Como construir a unidade?”, e respondeu com cinco palavras indicadas pelo Papa Francisco na exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*”: i) “primeiriar” - neologismo que significa que cada um deve ser o primeiro a acorrer perante a dor e o sofrimento do outro, ainda que dar o primeiro passo seja difícil; ii) envolver-se – não basta observar, denunciar, sendo necessário entrar nos problemas dos outros, da sociedade e participar ativamente na mudança; iii) caminhar com as pessoas – acompanhar o outro, estar ao seu lado; iv) frutificar – dos três elementos anteriores emanam os frutos, os problemas deixam de estar imersos na solidão e a unidade aparece; v) – festejar - e então há que festejar em conjunto.

O palestrante concluiu indicando que o hino da unidade é o Amor e que Deus deu à humanidade um modelo, Sua mãe Maria. O amor de Maria, foi o último cenário que D. Jorge Ortiga explanou asseverando que o amor de Maria é um saber estar junto, mais do que falar (como esteve nas bodas de Caná e no Calvário). A este propósito lembrou uma imagem diferente da representação de Maria como Nossa Senhora das Dores, que viu num santuário perto de Ávila, em que Maria estava esculpida com uma toalha nas mãos, talvez para enxugar as lágrimas de quem necessita. É, do seu ponto de vista, um bom exemplo que Maria nos convida a imitar.

Por fim, o orador contou uma breve estória, demonstrativa de que a unidade se constrói com amor e que muitas vezes o amor é o silêncio. Sumariamente, tratava-se de um casal que em diversos momentos difíceis da relação deixava escrito, para que o cônjuge visse, as letras NEQTA, o que causava grande espanto aos filhos, que, contudo, nunca se atreveram a perguntar o que significavam. Um dia, tendo um dos cônjuges falecido, finalmente perguntam ao outro o significado da expressão NEQTA, o qual respondeu: “Não Te Esqueças Que Te Amo”, e lhes explicou que quando se casaram combinaram que sempre o escreveriam ao outro nos momentos difíceis.

Assim, D. Jorge Ortiga terminou a sua “partilha”, exortando a que sempre fizéssemos unidade – NEQTA -, pois só assim haverá Páscoa.

De seguida, a Fernanda, o Paulo e o David entoaram uma segunda canção, cuja letra de alguma forma ecoou a mensagem deixada pelo palestrante: “envia o Teu Espírito de Amor e da Paz (...) só Tu Senhor, só por Ti Senhor renovaremos a terra...”

O Padre Marçal encerrou o ciclo de conferências agradecendo ao orador, aos colaboradores, à numerosa plateia pela forte adesão e deixou o repto de que nunca deixemos de ter a serenidade de viver de forma elevada, procurando saber mais e levar para a vida o que de bom aprendemos uns com os outros.

José Manuel Cruz